

## GEÓRGIA E A UCRÂNIA UNIDAS PELO PASSADO SOVIÉTICO E O SECESSIONISMO INTERNO

**Paulo Cunha Dinis**

*Investigador Associado do Observatório Político*

No ensejo da apresentação da minha tese de mestrado intitulada “*A autonomia da Geórgia e a política externa russa. Uma análise do Cáucaso à Luz da Teoria da Regionalização*” em dezembro de 2013 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa procurei compreender e expor a realidade geopolítica que enquadra as Repúblicas Democráticas do Cáucaso do Sul (Arménia, Geórgia e Azerbaijão) no confronto com a política externa que a Rússia de Vladimir Putin tem vindo a desenvolver nos últimos quatro mandatos presidenciais da Federação Russa. A crise da República Autónoma da Crimeia encaixa o crescendo de conflitualidade sociopolítica na República Democrática da Ucrânia tal como a Geórgia foi confrontada com o apoio interventivo russo no secessionismo das regiões da Ossétia do Sul e da Abcázia. A problemática é marcada pela diversidade de posições, objetivos e instrumentos que as estratégias inserem nas relações externas. A dualidade aproximação / afastamento face à Rússia está bem presente nas dinâmicas políticas e económicas desta região e de acordo com a posição russa em aceitar uma maior ou menor intervenção ocidental no “Vizinho Próximo”<sup>1</sup>.

---

### I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A nova ordem mundial e o processo de transição política após a desintegração da URSS inauguraram um período complexo da história do mar Cáspio em que a repentina mudança fez desaparecer estruturas estabelecidas. Para os países da região, em particular a Ucrânia, a Geórgia e a Federação Russa fomentou novas oportunidades progressistas, mas com elas surgiram também grandes riscos de instabilidade política e fragmentação social. Os últimos dez anos da relação entre os Estados ex-soviéticos expuseram as divergências decorrentes da circunstância (social, política e económica) das diferenças, semelhanças e desafios que foram construídas nos contextos bilaterais e multilaterais. Assim, a elasticidade das fronteiras está intimamente ligada à política externa da Rússia, o que torna esta região uma das áreas mais conturbadas da periferia europeia. Na encruzilhada entre a Europa e a Ásia vimos crescer o enredado de relações e interesses que provocam choques militares, étnicos e políticos. Isto,

---

<sup>1</sup> Referência de Vladimir Putin aos Estados independentes ex-soviéticos constituintes da zona tradicional de influência russa onde foi estabelecida geograficamente a fronteira da Europa ocidental e do Médio Oriente com o mundo russo.



porque a sovietação<sup>2</sup> não conseguiu unificar os povos nem convergir as fronteiras políticas, culturais e religiosas. A Rússia garante uma dimensão estratégica crucial que delimita a integração da Ucrânia e da Geórgia na UE e na NATO, porquanto as ligações históricas têm um papel preponderante, pois entrecruzam o passado com o presente e, em simultâneo, esbatem o significado das fronteiras políticas. Estes Estados desenvolvem dinâmicas de constante conflito e interdependência através da sua multietnicidade e multiculturalidade.

O conceito de nação russa concentra-se num projeto de estrutura centralizadora que extravasa as atuais fronteiras políticas. Este parte de Moscovo e dirige-se aos territórios ex-soviéticos que ainda não estão totalmente agregados à Europa Ocidental. A Geórgia, por ser a alternativa à intenção hegemónica russa pelo controlo das energias fósseis e a Ucrânia, pela sua localização geográfica e fortes laços históricos, são territórios com dificuldades acrescidas em concretizarem a unificação e independência, pois persiste um sistema de forças determinadas pela hierarquização do poder dos Estados com primazia sobre a polaridade Rússia – EUA e que influencia os mais fracos. Na relação destes com Moscovo o juízo constitucional não assegura a coexistência, nem a solidariedade entre os povos se compatibiliza com a segurança e o poder.

O sentimento de pertença ao grupo russo por vínculo étnico, linguístico e histórico reivindica o direito de formar uma nação autónoma na Crimeia, Ossétia do Sul e Abcázia. O secessionismo na Ucrânia e na Geórgia tem vindo a tornar-se mais denso e complexo consoante se vem a aprofundar a salvaguarda dos interesses e a exaltação dos valores nacionais russos. O potenciar da lealdade dos grupos secessionistas está associado à autodeterminação dos povos mediante a sua vontade e através do apoio de Vladimir Putin. A língua, a nacionalidade e a cidadania russas são propagadas em sua defesa de modo idílico e prático ao qual se associa o racismo como legitimador das intervenções militares e posicionamento russo na região.

A contabilidade que Moscovo faz sobre o choque entre os Estados soberanos da Ucrânia e da Rússia estabelece a supremacia militar russa e enquadra na sua política externa a capacidade de implementação do seu próprio ideal. O modo como se apresenta na cena internacional marca uma posição firme e determinada em afastar do mar Cáspio a concorrência sem demonstrar afeto pelas pressões internacionais.

---

<sup>2</sup> Criação de um estilo de vida comum aos territórios soviéticos centrado nas mudanças sociais e na idealização do Homo Sovieticus e foi acompanhada por deslocações, deportações e assassinio de comunidades de modo a facilitar a homogeneização da população e eliminar resistências e oposição ao processo, da qual a Ucrânia e a península da Crimeia fizeram parte (através da deslocação de ucranianos e tártaros e a colocação de população russa nestes territórios).



## II – A RÚSSIA DESDE PUTIN – PROJETO E POLÍTICA EXTERNA

O vazio criado com a implosão da União Soviética tem sido disputado entre a Rússia e o Ocidente. A Era Putiniana (Putin – Medvedev – Putin) procura recuperar a imagem do Estado nacional, trouxe os votos de renovação da identidade multinacional e do nacionalismo eurasiático na forma prestigiante da alma moderna da mãe Rússia. Ao considerar que a maior catástrofe que aconteceu ao povo russo fora o desmoronar da URSS, Putin esclarece os otimistas ocidentais que, acima de toda a riqueza econômica está o prestígio russo e que será Moscovo a ditar os normativos estratégicos na Eurásia. Nos últimos quinze anos (2000 – 2014) a Rússia recuperou paulatinamente o poder externo. O partido nacionalista “Rússia Unida”, dominante no Kremlin, desenvolveu a nível interno a doutrina de democracia soberana por razões nacionalistas. Isto significa que, acima de tudo estão os interesses nacionais, o Estado central forte e a expansão do poder externo. O pensamento estratégico russo combate a tentação unipolar dos Estados Unidos. Num discurso<sup>3</sup> na Conferência de Segurança de Munique em Fevereiro de 2007, Vladimir Putin defendeu uma ordem multipolar de forma a garantir a segurança do Estado russo e a dos 20 milhões de russos a viverem no estrangeiro.

A Revolução laranja na Ucrânia em 2004 representou um momento de viragem nesta dinâmica. Nesse momento, o Ocidente posicionou-se declaradamente na fronteira da Rússia. Viktor Yanukovich apoiado por Moscovo foi derrubado e substituído por Viktor Yushenko, um líder pró-democrático e pró-ocidental, apoiado pela UE e pelos Estados Unidos. Neste sentido a crise política de dezembro de 2013 em Kiev foi um reavivar do passado.

A associação comercial com a UE representa um prenúncio do enfraquecimento da imagem musculada da liderança russa. O comportamento é dominado pela linguagem e imagens do nacionalismo russo com base na unificação da identidade eslava. A interação dos fatores domésticos com a política externa introduz uma circunstância específica nas decisões de Moscovo em que, os investimentos políticos no exterior são utilizados para desenvolver internamente o prestígio do poder russo, a legitimação das medidas internas de combate ao terrorismo<sup>4</sup>, o

---

<sup>3</sup> Vladimir Putin referiu que “o Ocidente tinha, unilateral e injustamente, explorado o período conturbado por que os herdeiros da antiga União Soviética haviam passado recentemente; que em vez de prestar ajuda à Rússia pelas suas perdas, tinha feito todo o possível por assegurar a hegemonia geopolítica em toda a Europa de Leste e na maior parte da Ásia Central; que as relações do seu país com a OTAN eram, no mínimo, delicadas; que os russos se encontram cercados na sua própria casa desde a porta de entrada no Báltico, ao pátio das traseiras no Usebequistão, que a recente expansão da OTAN à Europa de Leste o melindrara; que os EUA não tinham honrado as declarações de boa vontade expressas nos relatórios; que o Ocidente não tinha a menor ideia do que estava em jogo na Chéchenia” – Stuermer, Michael (2009) – “Putin e o Despertar da Rússia”, ed Presença, LX.

<sup>4</sup> Os ataques terroristas de outubro de 2013 expuseram um fenómeno diferente nas origens e fundamentação do terrorismo no interior da Rússia. Um dos organizadores dos ataques em Volgograd é de etnia russa e o seu nome é russo, *Dmitry Sokolov*. No terrorismo Wahhabi russo têm-se vindo a incluir nos últimos anos elementos de etnia russa. O investigador do Instituto russo de Estudos Orientais, Ruslan Kurbanov refere que: “this issue is multi-layered and multi-faceted. The increasing number of Russian Muslims is obvious. The increasing number of Russian is also real.



combate à oposição ao governo e a recriação da alma russa moderna, na qual não há espaço para a liberdade sexual nem para a liberdade de expressão. As suas diásporas têm um amplo campo de manobra na defesa da cidadania russa, que é legitimada pelo artigo 2<sup>o</sup> da Constituição da Federação Russa, evocado para defender a posição russa na Crimeia, pelo artigo 26<sup>o</sup> evocado aquando da possibilidade de anulação da língua russa.

A presidência de Viktor Yanukovich sustentava a linha divisora que não permitiria a penetração final do Ocidente no mundo russófono. A questão da Crimeia tem contornos de entrave à associação comercial europeia, que a acontecer eliminará qualquer projeto futuro de reunificação ideária do império russo. A argumentação primária vai ao encontro do povo russo que hoje está fragmentado, mas que obtém do Kremlin garantias de defesa e proteção das populações do perigo estrangeiro. Esta garantia engloba o poder do carácter nacional, a situação geográfica, os recursos naturais, a potência militar e o sistema de relações, que na sua dimensão abrangente, estão sitiadas como uma unidade personificada no estado Corpo – Nação.

A instabilidade político-social nos Estados vizinhos e nos seus inimigos estabeleceu nos últimos dois séculos uma vantagem geopolítica para a Rússia<sup>7</sup>. Faz parte da sua estratégia política manter a distância independente da Europa Ocidental. Atualmente qualquer aproximação do “Vizinho Próximo” à Europa é motivo de preocupação para o Kremlin e obriga à adaptação do seu posicionamento, pois apesar de a Rússia fazer parte da ponte entre a Europa e a Ásia, considera-se vulnerável e traída pelo velho continente. Assim, na matriz da política externa russa consta a manutenção da sua primazia nas relações com os europeus, porque “os russos consideram ter uma civilização distinta”<sup>8</sup>. Nisto fica subjugada a posição da Ucrânia, da Geórgia e dos Estados ex-soviéticos que não consigam estabelecer um relacionamento de direito independente, porque existem “tradições nativas da

---

*The management of interfaith relations is quite difficult and confusing in Russia. No social niches have been formed with the help of the state or without this help in the civil field for people who do not belong to the Muslim ethno-culture by birth but adopt this religion. There are no adaptive mechanisms for them, no niches where they could fulfil themselves.*

*On the contrary, they are marginalized, in some cases purposefully, in the others – spontaneously. Their families turn away from them, they are not accepted by the media, the authorities do not anything with them, they are like lepers. It is quite difficult to be a Russian Muslim in Russia, because public alienation and condemnation sometimes exceed all reasonable limits. [...] that many people simply break down to radicalism. There is significant intolerance towards Muslims in Russia, and if a Russian person converts to Islam, they are perceived as traitors of their faith and culture, and for many it is difficult to stick to moderate positions.”* In, What makes Russians join terrorist gangs?, 07 de janeiro de 2014, Jornal Pravda.

<sup>5</sup> Constituição da Federação Russa, art. 2: “Os direitos e liberdades são um valor supremo do homem no reconhecimento, observância e proteção dos direitos e liberdades do homem e cidadãos é uma obrigação do Estado”.

<sup>6</sup> Constituição da Federação Russa, art.26: “1- Qualquer um tem o direito de determinar e indicar a sua nacionalidade. Ninguém deve ser forçado a determinar e a indicar a sua nacionalidade. 2 – Todos têm o direito a usar a sua língua nativa, à livre escolha da língua comunicacional, educação e trabalho”.

<sup>7</sup> “Russian geopolitics was not just about the state and its external environment and missions it also touched upon the issues of what the most appropriate type of government for the country and relationships between the authority and the people: those who govern and those who were governed”, Irina Isakova, Russian Governance in the Twenty-first century, Cass Contemporary Security Studies, pag. 10, 2005.

<sup>8</sup> Rego, Helena (1999), A Nova Rússia, ISCS, pag. 278.



*Rússia*”<sup>9</sup>, cuja identidade e “*limites ficam nas portas da Ucrânia, da Bielorrússia, dos montes do Cáucaso e das estepes da Ásia Central*”<sup>10</sup>.

As relações da Rússia com a Europa Ocidental e EUA têm subjacente a (des)confiança imputada no posicionamento dos mesmos perante a aceitação ou resignação demonstrada pela outra parte. Para muitos russos a aproximação da Rússia aos EUA, motivada pelos ataques do 11 de setembro, relacionou-se com a possibilidade de uma versão da jihad de Bin Laden vir a afetar a Chechênia, o Cáucaso e das repúblicas islâmicas russas poderem vir a estabelecer um novo califado na Federação Russa.

A guerra do Afeganistão estabelecida pelo Ocidente veio dar um forte contributo ao combate russo contra o terrorismo na sua área de influência e na aplicação de práticas não convencionais sobre o separatismo checheno e do Daguestão. A participação da Geórgia neste conflito, quer com efetivos militares quer através da autorização da criação do corredor NATO no seu território, foi vista como positiva para os esforços aliados, pois o compromisso georgiano com a estratégia dos EUA e da NATO permitiu a construção de uma zona tampão à incursão jihadista pela cordilheira caucasiana. No entanto, no decorrer da última década, Moscovo tem vindo a acusar sucessivamente Tbilissi de apoiar o separatismo checheno que visa enfraquecer a administração russa na região com o objetivo de eliminar a junção da Ossétia (do sul) georgiana à Ossétia (do norte) russa.

A geopolítica russa mantém uma ordem policêntrica na Eurásia, região com fronteiras estratégicas elásticas, para a qual Vladimir Putin desenvolveu uma política externa de presença em vários centros de domínio<sup>11</sup>, baseada em grande medida nos seus recursos e na vulnerabilidade energética dos Estados abastecidos por Moscovo. A diversidade multipolar tornou-se o princípio metodológico putiniano que em teoria chama ao centro de poder a Europa e a China com o intuito de aproximar a si aliados e oponentes dos EUA. Na prática, utiliza os conflitos regionais no Cáucaso do Sul, Síria e Ucrânia como formas de conciliar as inimizades dos interesses iranianos, árabes e chineses no estabelecimento de oportunidades fragilizadoras dos americanos e seus aliados. Nesta estratégia está implícita a obtenção de dividendos através do projeto nuclear iraniano na sua perigosidade para o Médio Oriente e da vulnerabilidade económico-social europeia com o endurecer da posição russa na Crimeia pró-russa, que objetiva num primeiro momento a contenção e depois uma possível eliminação da intenção ucraniana e georgiana de pertencerem definitivamente à Europa Ocidental e de se afastarem do mundo russófono. A “pegada protetora do grande urso” procura ocupar o espaço

<sup>9</sup> Rego, Helena (1999), *A Nova Rússia*, ISCS, pag. 278

<sup>10</sup> Rego, Helena (1999), *A Nova Rússia*, ISCS, pag. 128 – 129.

<sup>11</sup> A Rússia passou a integrar várias organizações regionais e internacionais. É membro do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), da Comunidade de Estados Independentes (CEI), da Asia-Pacific Economic Cooperation (APEC), da Comunidade Económica Euroasiática (EurAsec), da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), da Organização para a Cooperação de Xangai (SCO) e desde 2012 da Organização Mundial do Comércio (OMC).



vazio deixado pelo extinto Pacto de Varsóvia e procura estabelecer um canal legitimador junto das diásporas na interferência interna nos Estados ex-soviéticos que atualmente pretendam a aproximação à Europa comunitária e integradora.

O restabelecimento do potencial económico preveniu a desintegração do Estado russo e promoveu a re-emergência do seu status internacional, o que foi possível através da eliminação do isolamento da Rússia através da sua integração em instituições internacionais e no mercado global. Neste sentido a intensificação da política ativa e da diplomacia assertiva espelhou uma atitude diferente que se caracteriza pelo pragmatismo “russo”, pela determinação económica na política externa e por uma forte ligação com a sua capacidade militar em sustentar a posição regional junto da sua fronteira.

Este pragmatismo dependeu do investimento e da economia das instituições internacionais e do Ocidente. O mundo unipolar americano durante a presidência de Boris Yeltsin contribuiu para que a memória do exemplo da aproximação ocidental seja vista como contra os interesses russos, e para que o comportamento de aproximação passasse a ser determinado pela reação às crises internacionais. São utilizadas as fraquezas e as divisões entre os Estados em proveito da orientação russa na construção da multipolaridade. O destino é gerido pela presidência autocrática de Vladimir Putin, que utiliza as oportunidades na preparação das condições dos futuros desafios de segurança onde o potencial militar é exposto no limite, demonstrando à UE e aos EUA que a sua aproximação ao arco de interesses estratégicos têm o assento negocial de Moscovo. Esta posição tem na ponta da lança da política externa a garantia de que onde estiver um indivíduo russo, com ele estará Vladimir Putin, que assegurará a sua proteção perante os malefícios ocidentais.

A Rússia defende que os protestantes de Kiev são financiados pela UE e EUA. O novo governo, que surgiu dos líderes das manifestações e do parlamento ucraniano, não é reconhecido por Moscovo, o que justifica a intervenção na Crimeia junto dos cidadãos russos em defesa contra as ações dos terroristas, que tomaram Kiev e que se comprometeram a revogar a língua russa da Republica Autónoma da Crimeia.

As raízes russas remontam a tempos anteriores ao império russo. A diáspora é expressiva na península. Porém, a Ucrânia é constituída pela polarização do seu território. Uma viagem pelas diferentes regiões faz crer que estamos perante zonas distintas. Existem várias línguas e a diferenciação é visível entre Oeste e Este. Em Lviv fala-se ucraniano e em Donetsk russo. As regiões próximas da Europa Ocidental construíram-se com base em arquitetura clássica europeia, enquanto em Donetsk as avenidas são ladeadas por blocos de apartamentos do passado soviético. Os cidadãos de Lviv são vistos como sendo pró-europeus e em Donetsk pró-russos.



A Ucrânia está localizada no ponto geoestratégico<sup>12</sup> entre a Europa oriental e a Rússia ocidental. No duelo Rússia – UE não há espaço para uma posição de neutralidade<sup>13</sup> ucraniana. Na última década, a Rússia contornou a influência ocidental descredibilizando a revolução laranja de 2004, o que veio permitir a eleição à segunda tentativa de Viktor Yanukovich. Na divergência dos interesses políticos o Ocidente e a Rússia observaram a criação de grupos armados e, embora se tenha concretizado a implementação de um governo pró-ocidente e a marcação de eleições para maio de 2014, tal como na Geórgia em 2008, o combate à integração europeia faz-se pela defesa dos direitos humanos. Neste caso, a ação preemptiva encapota a defesa dos interesses russos na Ucrânia. Pretende forçar o “Vizinho Próximo” a permanecer na órbita da fronteira russa. Coloca pressão sobre a economia da Ucrânia e manipula a dependência energética da UE para que este território se mantenha como sempre foi, uma zona tampão<sup>14</sup> entre a Rússia e o Ocidente.

A Bielorrússia e a Ucrânia são, pela localização geográfica, zonas tampão. A Rússia é protegida pela profundidade e distância destes territórios desde a construção do império russo, que sempre empurrou a fronteira com a Europa Ocidental, para o mais longe possível de Moscovo. Perder a Ucrânia é perder esta zona de conforto e potenciar as capacidades do Ocidente e dos EUA penetrarem no coração russo. As invasões de Napoleão e Hitler provaram o valor desta zona tampão. É improvável que ocorra outra invasão ocidental, contudo a Rússia assume a possibilidade do pior cenário. A acontecer a junção da Ucrânia ao Ocidente as consequências poderão ser desastrosas para a região além Balcãs. As várias forças secessionistas que existem, quer no interior da Rússia quer junto da sua fronteira externa poderão ser potenciadas pelo efeito de contágio.

---

<sup>12</sup> Segundo Robert Kaplan, *[geography continues to help determine political events at the two ends of Eurasia, it is in the very center of the supercontinent-in what Halford J. Mackinder, the English geographer of the beginning of twentieth century, called the “heartland”-that the battle for territory carries the potential to restructure world politics.]*, “because of geography Russia is still a threat to eastern Europe and parts of Central Europe [...] Serbia and Ukraine toward the west and toward authentic democratic reform. Russia is increasingly influential in those countries. Russia is seeking to buy banks and infrastructure throughout the former Warsaw Pact.” - *The Revenge of Geography* (2012), pag. 349 – 351, ed. Radom House.

<sup>13</sup> A Ucrânia participa num jogo difícil e perigoso quando um dos intervenientes é a Rússia. A Ucrânia cedo se posicionou entre a UE e Rússia. Assinou a 31 de maio de 2013 a união alfandegária (Customs Union Countries) com a Rússia, que é o primeiro passo para se tornar membro da *Eurasian Economic Union* e preparou-se para assinar em novembro de 2013 o acordo de associação (Eastern Partnership) com a UE. A assinatura foi adiada mediante a recusa do então presidente Viktor Yanukovich. Os projetos de integração na UE ou na Rússia diferem no corpo e nos objetivos. A UE instituiu que o aprofundamento da democracia, liberdades civis e políticas, liberdade do sistema judicial e o respeito pelos direitos humanos são os critérios necessários para a integração europeia. A Rússia procura criar uma instituição regional com uma estrutura de contrabalanço à UE. A influência geopolítica empurra a Ucrânia para uma escolha unilateral por um dos sistemas. A pressão da UE e da Rússia está a provocar a fragmentação da Ucrânia. A primeira consequência foi a integração da Crimeia na Rússia. O próximo passo pode ser a separação da Ucrânia em dois territórios, o ocidental e o oriental. O primeiro é visivelmente pró-ocidente e o segundo pró-russo.

<sup>14</sup> George Friedman refere que *“Moscow claims to have been assured that former soviet republics would be left as a neutral buffer zone and not absorbed. Washington and others have disputed that this was promised. In any case, it was rendered meaningless when the Baltic states were admitted to NATO and European Union. The result was that NATO, which had been almost 1,600 kilometres (1,000 miles) from St. Petersburg, was now less than approximately 160 kilometres away.”* - *Russia examines its options for responding to Ukraine* - Stratfor Global Intelligence, [www.stratfor.com](http://www.stratfor.com).



Para Vladimir Putin é inconcebível esmorecer a sua posição no xadrez das Relações Internacionais. A sua presença no poder central trouxe o crescimento moderado da sua imagem, porque os ataques terroristas que têm acontecido sequencialmente negam a segurança interna ao seu povo. Contudo, apresenta-se desproporcionalmente forte perante os Estados ex-soviéticos, que têm sido incapazes de solucionar as crises sociopolíticas de cariz separatista. A eleição de governos pró-russos tem sido uma ferramenta muito forte tentada na Geórgia e concretizada na Ucrânia com Viktor Yanukovich na condução de políticas favoráveis à aproximação com Moscovo.

A reemergência internacional da Rússia mostrou-se na guerra com a Geórgia em 2008 e as movimentações militares na Crimeia são uma demonstração da sua capacidade de projeção de poder. A contenção desta força no terreno é uma opção estratégica de resistência que visa desgastar a relação de forças contrárias e pressionantes da comunidade internacional, pois a multipolaridade trouxe a dificuldade em congregar apoio, quer mediante relações bilaterais quer junto das Nações Unidas.

A violação do Memorando de Budapeste<sup>15</sup> e do Direito Internacional de soberania da República Democrática da Ucrânia é considerado pelo Kremlin um dano colateral que é facilmente substituído pela legitimação através do referendo à vontade separatista da maioria da população da Crimeia. Moscovo esperou pacientemente que 72% da população da península votasse favoravelmente à integração do território na Rússia. O contexto pós-soviético mediante o desfazamento do poder militar ultrapassa em muito a necessidade de uma guerra declarada. Na estratégia militar, a perda de uma vida pesa na legitimação da posição russa. Antes de mais, a justificação de “decisão popular por referendo” apenas espelha a vontade dos habitantes russos, e deixa sem voz o grupo étnico tártaro<sup>16</sup> da península (correspondendo a 267600 indivíduos e a 0,6% da população ucraniana), minoria importante que não foi consultada. Por outro lado, anula a oferta histórica do território à Ucrânia<sup>17</sup> doado pela Rússia em 1954.

As atividades fora de fronteira escondem alguns passos do processo. Na estratégia procura-se obter a aceitação das massas do mundo eslavo. Vladimir Putin comunica para a comunidade internacional progressivamente passo a passo. Em primeiro lugar, dirige objetivamente a sua mensagem às comunidades russas espalhadas por Minsk, Kiev, Donetsk, Simferopol, Sukhumi, Tskinvali, Tbilissi, etc. Moscovo

---

<sup>15</sup> Acordo assinado no ano de 1994 em Budapeste pela Federação Russa, EUA, Reino Unido e posteriormente pela China e França fornece garantias de segurança em relação à adesão da Ucrânia ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Sustenta garantias contra ameaças ou uso da força contra a integridade territorial ou independência da Ucrânia, que cedeu o seu arsenal nuclear herdado do período soviético.

<sup>16</sup> Os tártaros da Crimeia são um povo não russo e são descendentes dos povos turco, búlgaro e pechenegues (oriundos dos nómadas wusun do império mongol no século II ac - I), que controlou as estepes do Sudeste da Eurásia e a Crimeia até ao século IX.

<sup>17</sup> Nikita Khrushchev, líder soviético natural da Ucrânia, transferiu por decreto em 19 de fevereiro de 1954 o Oblast da Crimeia da RSFS da Rússia para a República Socialista Soviética da Ucrânia. O simbolismo deste ato visava comemorar o 300º aniversário da integração da Ucrânia no Império Russo.





reage quando surge a possibilidade de envolver as diásporas num bloco ocidental cuja matriz política refreie a ação do povo russo nesses mesmos territórios. Na Crimeia agiu em tempo real pela agregação das suas gentes e na defesa dos interesses da nação. Em segundo lugar, a comunicação faz-se de acordo com o decorrer do avanço da sua estratégia. Enquanto perscrutou o real envolvimento dos EUA e da UE na defesa de Kiev, ratificou o resultado do referendo sobre a anexação da península e assinou o acordo com o governo da República Autónoma da Crimeia para a integração na Federação Russa. Moscovo balanceia em seu favor o efeito surpresa das ações. Ao contrário da linha orientadora da comunicação estratégica<sup>18</sup> da NATO, Vladimir Putin estratifica a informação no controlo da movimentação das massas russófonas, alegando à diáspora a defesa da alma do povo russo com o intuito de lhes reforçar a identificação<sup>19</sup> com o processo, mas em simultâneo não permite que os inimigos escrutinem com confiança o próximo avanço. Este jogo de estratégia pura envolve informação e ações dissimuladoras do trecho seguinte do trajeto. Assim, num gesto de boa vontade apresentou na comunicação social a autorização encenada do líder moscovita para a devolução dos equipamentos e material de defesa à Ucrânia. E, propõe serenamente que a melhor forma de não voltar a interferir na soberania da Ucrânia é transformar este Estado numa estrutura federal, pois só assim os direitos da população russa serão verdadeiramente defendidos<sup>20</sup>.

A organização dos Jogos Olímpicos de inverno na cidade de Sochi no Cáucaso do Norte foi um investimento pessoal de Vladimir Putin cujo objetivo político tem dois campos de enfoque. Por um lado, procurou reforçar a questão nacionalista e o sentimento patriótico mediante o estímulo na obtenção de prestígio através da apresentação de uma nova Rússia com capacidade organizativa e financeira no investimento de 36 milhões de euros. Por outro lado, o envolvimento dos Estados independentes ex-soviéticos neste evento permite à Rússia um maneo mais abrangente e influente na estabilização sociopolítica da região, apoiada pela criação de infra-estruturas modernas de desporto e de apoio às modalidades.

### III – O SECESSIONISMO DA CRIMEIA, DA OSSÉTIA DO SUL E DA ABCÁZIA

A integração na UE e na NATO será a balcanização da Ucrânia e da Geórgia e daí por diante a Rússia confrontar-se-ia com a dimensão e peso do bloco ocidental. Para

<sup>18</sup> Marta Ceia refere que a comunicação estratégica da NATO concretiza-se através d' *“a coordenação de atividades de diplomacia, relações públicas civis e militares, operações de informação, operações psicológicas de sentido bi-direcional comunicado aos aliados e inimigos e às audiências que pretende influenciar”*, CEIA, Marta «A Comunicação Estratégica da NATO», *Working Paper #39*, Observatório Político, publicado em 15/01/2014, URL: [www.observatoriopolitico.pt](http://www.observatoriopolitico.pt)

<sup>19</sup> Paulo Bessa considera que *“a etnicidade não seria politicamente operacional no presente sem a memória histórica (por vezes longínqua), o que origina formas de mobilização social que não correspondem objetivamente ao contexto atual, mas sim à visão deste, condicionada pelas formações sociais do passado. Assim, a expressão étnica é efeito subjetivo de um contexto presente na estrutura social do grupo relativamente ao fenómeno contemporâneo (...). Constitui a permanente construção – desconstrução de mestiçagem que conduz gradualmente à distinção do outro”*, Bessa, Paulo (2011), *Tekthnos: Geologia, Construção de Povos e Conflitualidade no Sistema Internacional, Política Internacional e segurança*, Universidade Lusfada, Série I n.º5 pag. 86, Ed Universidade Lusfada.

<sup>20</sup> Alexandre Martins, Rússia quer atrair estrangeiros e turistas para a Crimeia, *Jornal Público*, pag.24, 01 de Abril de 2014.



criar a oportunidade de puxar para si estes territórios, a Rússia usou as fissuras sociais e a proximidade à alma russa. Aliciou os desejos secessionistas a juntarem-se a Moscovo com a promessa de unificação aos povos da Federação Russa e do regresso à autonomia existente no período soviético.

A identidade resulta da construção das relações entre grupos vizinhos onde as diferenças são potenciadas pelos mesmos. A diferenciação dos ossetas, dos abcazes e dos russos da Crimeia não permite à Geórgia e à Ucrânia afastarem-se da primazia russa, porque a independência das Repúblicas da Ucrânia e da Geórgia trouxe tensões étnicas e políticas. A substituição da identidade russa por referências ancestrais não encaixa no perfil dos povos e nalguns casos, a nova identidade foi retocada e moldada de acordo com o distanciamento que cada uma pretendia ter da Rússia. No entanto, desenvolveram-se identidades próprias das zonas separatistas. A Abcázia e a Ossétia do Sul recuperaram a sua identificação histórica e cultural com o território onde vivem, sem reconhecerem à Geórgia legitimidade política e administrativa sobre eles. A sua aproximação à Rússia facultou-lhes a nacionalidade e cidadania russas atribuídas como marcação dos interesses de Moscovo no Cáucaso. Na Crimeia, a maioria da população manteve-se russa. Esta representa 58,3% dos 1,9 milhões de indivíduos onde a base de Sebastopol acolhe a frota naval russa do mar Negro, o que constitui a linha da frente do poder militar na região.

A combinação de migrações forçadas e deportações criou um sentimento oposto à homogeneidade étnica. Na última década soviética deu-se início à nativação dos povos e ao regresso à terra mãe. Porém, a integração nas novas fronteiras não suscitou a agregação das regiões a Tbilissi e a Kiev. A sintonia com Moscovo é, acima de tudo, o desejo em restabelecer o status quo de autonomia detida anterior ao ano de 1991. É, também uma oportunidade apoiada pela Rússia e é utilizada na legitimação das suas intervenções. As diásporas têm uma importância específica. Uniram-se ao outro lado da fronteira no esforço por um território separado, em que o argumento do risco de não garantia dos direitos humanos, políticos e territoriais dos três povos justifica a intervenção russa.

À semelhança do Kosovo e do envolvimento norte-americano na constituição de um Estado independente, de acordo com o que se considera ser a vontade da maioria, ou seja o direito à autodeterminação, Moscovo postulou o referendo à integração dos russos da Crimeia na Rússia. Diretamente, consolidou a segurança da diáspora através do concerto regional. Indiretamente, objetiva a estabilização dos antagonismos internos, nomeadamente, eliminar as ameaças terroristas através de uma atitude de firmeza e do aprofundamento do sentimento nacional russo.

#### **IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As relações com os atores internacionais concretizam-se de acordo com os interesses comuns no sentido do benefício russo. A assertividade da política externa russa pode provocar conflitualidade consoante seja ou não possível encontrar-se



uma solução de entendimento e cooperação. As relações diplomáticas podem arrefecer quando as dinâmicas dos objetivos são afetadas. Moscovo assumiu a promoção e manutenção do bem-estar social e a forma estabelecida foi o fortalecimento do Estado central. A convergência da circunstância internacional no processo decisório é concebida de modo instrumental onde a posição externa se reflete no cenário interno nas áreas da estabilidade sociopolítica, na segurança dos cidadãos e no prestígio nacional personalizado na imagem do presidente.

No enquadramento do governo, a política externa é definida por convicções pessoais do presidente. Os envolvidos respondem diretamente a Vladimir Putin, pois considera que a ação governativa é essencial à consolidação do Estado Nação.

Nas variações políticas, a Rússia sofreu ao longo da sua história oscilações entre três dinâmicas: o ocidentalismo, o Estado russo e o civilizacionismo. A primeira tem a civilização europeia como referência; a segunda interliga o Estado com uma postura pragmática nas relações externas; a terceira esteve ligada à missão religiosa de expansão e aprofundamento da fé ortodoxa na sua zona tradicional de influência. Hoje eleva a civilização russa à condição prioritária em toda a extensão eurasiática.

O fortalecimento do Estado passou pela convergência dos interesses russos com os dos atores associados<sup>21</sup> até a Rússia se reerguer e se tornar uma grande potência. A flexibilidade e a adaptação à conjuntura internacional foram sendo substituídas pelo pragmatismo do posicionamento russo em defesa dos interesses nacionais. Os objetivos económicos estão amplamente ligados à política externa e à sua capacidade de projeção-consolidação de poder na sua cintura de influência. A política para a Europa e Médio Oriente é formulada consoante as ações dos EUA e da UE são aceites ou não pela Rússia. Em simultâneo, a Rússia debate-se pela igualdade e legitimidade do espaço, próprio de uma grande potência, na cena internacional. Esta adaptação está igualmente ligada à exportação dos hidrocarbonetos, o que lhe permite ascender no controlo dos mercados internacionais. A ampliação desta vantagem centra-se na dependência europeia ao gás e petróleo russo.

A fragmentação sociopolítica da Ucrânia e da Geórgia são o enquadramento útil à estratégia russa de eliminar as alternativas no fornecimento das energias fósseis. Uma interligação com a Geórgia foca os projetos ocidentais de gasoduto (BTC) e oleoduto (BTE), colocando-os na mira do controlo russo. A integração da Crimeia, a possibilidade de fragmentação da Ucrânia e a posterior constituição num Estado federal constrói a circunstância favorável à agregação da região oriental ucraniana na Rússia. É uma região industrializada por onde passam os gasodutos e oleodutos

---

<sup>21</sup> A Comunidade Internacional presenciou na última década do século XX e primeiros anos do século XXI o posicionamento da NATO junto da fronteira russa e a integração de Estados ex-soviéticos (Estónia, Letónia e Lituânia) na UE. A Rússia permitiu também, a abertura da sua fronteira ao investimento estrangeiro e ao estabelecimento de empresas e o enfraquecimento da posição geopolítica que detinha nos territórios dos Estados independentes ex-soviéticos, nas estepes asiáticas e no Médio Oriente.

russos que transferem os hidrocarbonetos para a Europa e na qual se mantém uma expressiva diáspora. Os portos principais da costa norte do mar Negro estão hoje estrategicamente sob o domínio (Sebastopol) ou influência (Sukhumi) russa. Estão salvaguardados os interesses securitários na extensão marítima entre estes pontos.

O programa da Parceria Oriental da UE foi o mote para a Rússia explicar o seu concerto anti ocidente. Ao analisarmos a crise atual na Crimeia e a guerra na Geórgia em 2008 verificamos que os Estados ex-soviéticos sofrem com a posição da Rússia em não aceitar a dissolução da URSS. A Comunidade de Estados Independentes nunca transmitiu a confiança desejável para que os seus membros não sejam pressionados a um federalismo de submissão soviético<sup>22</sup>.

### OBSERVATÓRIO POLÍTICO

Av. Elias Garcia, nº 123 – 7ºE  
1050-098 Lisboa PORTUGAL  
Telf. (00351) 21 820 88 75  
geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

DINIS, Paulo Cunha. «Geórgia e a Ucrânia Unidas Pelo Passado Soviético e o Secessionismo Interno.», *Working Paper #44*, Observatório Político, publicado em 30/04/2014, URL: [www.observatoriopolitico.pt](http://www.observatoriopolitico.pt)

**Aviso:**

Os working papers publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respectivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.

---

<sup>22</sup> O professor Adriano Moreira considera que “a ideia de superioridade dura mais do que os factos. A Rússia não perde a ideia e procura mantê-la. Poderá experimentar várias formas para o conseguir: a aliança, a hegemonia ou tratado de livre circulação. Os grandes Estados como a Rússia têm dificuldade em reconhecer a perda de poder. Governa em democracia pela maioria dos interesses por isso, pode desenvolver um regionalismo específico.”, in entrevista pessoal concedida para a execução da tese de mestrado no dia 23 de Junho de 2013 no seu gabinete na Academia de Ciências de Lisboa.